

Sucursal/SP - Av. Higienópolis, 983 - 01238
ENFOQUE SITUACIONAL DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO NO MUNICÍPIO
DE BARRA DO GARÇAS - MT.

| |
|-------------------|
| CEDI - P. I. B. |
| DATA 31 / 12 / 86 |
| COD XVD04 |

INTRODUÇÃO

Desde a implantação da Ajudância Autônoma de Barra do Garças, temos assistido atitudes preconceituosas em relação ao índio, o que tentamos contornar com uma política de valorização da cultura Xavante, tendo promovido o contacto amistoso em festas cívicas com a participação do índio, apresentando danças tradicionais e disputas amistosas de futebol.

Porém, com o tempo, temos sentido a situação agravar-se a ponto dos hospitais locais negarem-se a atender índios enfermos.

Recentemente, violenta campanha vem sendo disferida por líderes da comunidade, através da imprensa local, mobilizando a opinião pública contra a Fundação Nacional do Índio, fato este que vem gerando uma imagem cada vez mais negativa do trabalho que tem sido desenvolvido, afetando principalmente o Índio.

No dia 04 de março do corrente ano, o expediente de trabalho desta Ajudância Autônoma foi especialmente carregado de queixas relativas a discriminação da comunidade para com o índio e ameaças a funcionários. Isto levou-nos a reunirmo-nos para discutir a problemática e julgando necessário, elaboramos o presente documento.

Em vista da situação que temos vivido, achamos por bem e direito, através de um documento comunicar as autoridades competentes e órgãos interessados na causa indigenista, a política que vem se desenvolvendo na comunidade de Barra do Garças, através de vários setores, contra a Fundação Nacional do Índio, bem como discriminações e opressões declaradas para com o índio e funcionários deste Órgão.

Esperando contar com um posicionamento e crítica imparcial, colocamo-nos a disposição dos interessados e levamos ao conhecimento público, dados que acreditamos servir para elucidar o trabalho desenvolvido como e para a nação Xavante através da Ajudância Autônoma de Barra do Garças.

HISTÓRICO XAVANTE

"Até recentemente os Xavante eram semi-nômades. A localização de uma comunidade era portanto lugar em que construíam grandes casas cobertas com folhas de palmeiras e cuja forma se assemelhava a uma grande colmeia e que se pretendia durar alguns anos. Todos os períodos de vida nômade tinham ali seu ponto de partida e de chegada, mas seus habitantes poderiam passar a maior parte do ano em regiões mais ou menos distantes". (Maybury-Lewis, David/Awê-Shavante Society-Oxford - 1967).

A área de fixação aproximada compreendia desde a serra do Roncador, margem esquerda do Rio das Mortes até a nascente do Rio Batovi.

"Esse padrão semi-nômade de exploração da área circundante, foi consideravelmente alterado ultimamente desde 1960, aproximadamente." (Maybury-Lewis, David/Awê-Shavante Society-Oxford-1967).

Em 1951/52 sofreram violentamente com expedições saídas de Barra do Garças, com ponto de apoio em Xavantina, de onde partiam para invadir as Aldeias. Como exemplo temos citados no livro de Bartolomeu Giaccaria "Xavante Povo Autêntico": o grupo de Parabubure ficou 4 anos aí, por causa de um ataque de brancos (junho de 51/52), juntou-se aos de Parawãdza'radzê. O ataque foi feito ao romper da madrugada por um pequeno grupo de brancos armados de piripipi, que mataram muitos Xavante. Eis o balanço da agressão:

Mortos: Tsiwari, homem inválido por causa de mordida de cobra; Rôôwadze, mulher do Tsiwari; Rôôare, mãe de Tsiwari; 5 filhos de Watebrêmi; 5 filhas baono; a irmã de Tsiwari, com filha e uma criança.

Feridos: Batica, atualmente vive em Sangradouro, foi ferida por um projétil; Geralda, vive em Sangradouro, estava grávida no tempo da agressão, foi atingida por cinco projéteis, três no ventre, um na coxa e outro no braço; Pedrosa, morreu em Sangradouro, foi atingida por um projétil na perna direita; Henrique, vive em Sangradouro, teve os dentes arrancados por um projétil na boca;

José, vive em Sangradouro, foi atingido por um projétil no qua
dril; Sebastião, morreu em 1968, foi atingido por um projétil no
ombro; Rôôwapu (mãe de Tiburcio) ferida na perna direita.

Além disso, os atacantes queimaram toda provisão
 de todas as cabanas, e deixaram no centro da aldeia, uma grande
 quantidade de carne envenenada.

Tswiwari, foi o único homem que conseguiram ma
tar, e crucificaram o seu cadáver no meio da aldeia, e dispuseram
 todos os outros ao redor".

Fatos desta natureza, se repetiram até 1955/56 a
 proximadamente, época em que se dispersaram em busca de socorro,
 vítimas de uma epidemia de sarampo, provocada através de roupas
 lançadas de aviões sobre as aldeias. Praticamente dizimados, reu
 niram-se e combinaram de em grupos procurarem um contato pacífi
co com o branco, especialmente para aprenderem usar armas de fo
go, das quais foram vítimas e o uso de medicamentos para comba
ter as doenças até então desconhecidas. Decidiram também recons
 tituirem as aldeias tão logo dessem por concluído o aprendizado a
 que se propunham.

Tinham como atividades de subsistência especial
 mente, a caça, a coleta de frutas, raízes e castanhas (coco de ba
 baçu). Praticavam uma agricultura rudimentar, plantando origi
 nalmente o milho, feijão e abóbora. Cultivo estes, que não exigiu
 muito cuidado, mas era suficiente para suprir suas necessidades.

Na medida em que os grupos foram se fixando sob
 os cuidados das Missões Salesianas e do extinto SPI (Serviço de
 Proteção ao Índio), passaram a surgir novas necessidades e para
 supri-las tiveram que sugeitar-se aos novos hábitos, o que conse
 quentemente foi a consequencia maior dessa mudança. Passaram en
 tão à situação nas fazendas vizinhas, fazendo com que alguns fa
 zendeiros, na tentativa de amenizar os problemas causados pelas
 frequentes visitas dos índios, passassem a plantar arroz e outros
 cereais para os mesmos próximo às suas aldeias.

Embora os problemas dessa forma, eram aparente
 mente amenizados, na verdade a situação de dependência e mendicân
 cia agravava-se cada vez mais, chegando-se ao ponto da necessida
 de de criação de reservas.

Inicialmente criou-se as reservas de Sangradouro

e São Marcos (1973/74). Logo em seguida criou-se também, outras reservas, tais como, Areões, Couto Magalhães, Pimentel Barbosa e Kuluene. Na verdade essas Reservas estavam longe de atender a verdadeira necessidade dos índios. Passaram então, a reivindicarem as terras que tradicionalmente lhes pertenciam, levando-os várias vezes a procurarem apoio na sede Central da FUNAI em Brasília. As constantes e insistentes visitas dos índios à Brasília, fez com que o então Presidente da FUNAI General Ismarth de Araujo de Oliveira, designasse o antropólogo Cláudio dos Santos Romero, para visitar as áreas Xavante, com a finalidade de levantar a situação e sugerir solução. Daí surgiu a ideia da criação do Projeto Xavante. Formou-se então uma equipe que levantou as necessidades das aldeias estruturou-se um sistema de trabalho agrupando todas as comunidades antes jurisdicionadas à 5a.Delegacia Regional em Cuiabá, e 7a.Delegacia Regional em Goiânia.

Para apoio e coordenação do Projeto Xavante, a FUNAI, criou a Ajudância Autônoma de Barra do Garças. Isso veio reunir os Xavante dentro de uma metodologia de trabalho, visando especialmente a devolução de suas terras em poder dos fazendeiros. A Ajudância, formada por um número maior de colaboradores, passou a desenvolver atividades de educação, agricultura, assistência social, assistência médico-odontológica, pecuária, etc. Criou-se em cada aldeia, escola, enfermaria, comprou-se máquinas e implementos agrícolas, visando enfim conscientizar e desenvolver a autonomia econômica dos Xavante.

SOCIEDADE ENVOLVENTE

Por outro lado, Barra do Garças é um município que desperta grande expectativa, não só para o Estado de Mato Grosso, como também para todo o país, devido a grande produtividade agropecuária, principalmente depois da divisão do Estado. Em consequência disso, encontramos um elevado índice de imigração, o que proporciona uma população heterogênea, sendo quase impossível identificar o barragarsense nato.

Devido a esse fator o maior número de seus habitantes são fazendeiros, grandes fundiários e um número também elevado de posseiros.

Sendo o comunitário de Barra do Garças basicamente fazendeiro e este necessitar cada vez mais de grandes extensões de terras para fazer jus à política desenvolvimentista da região, vem gerado aí, sério conflito com os índios Xavante aqui radicando porque os interesses e necessidades obviamente divergem.

Desconhecendo, desrespeitando e desvalorizando a cultura indígena, estes comunitários, consideram o índio preguiçoso, delinquente e marginal. Alegando que não produzem e não tem condições de produzir, afirmam inclusive que os índios reivindicam grande extensão de terra, instigados por funcionários da FUNAI na região, apenas para transformá-las em reservas improdutivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do quadro exposto, pode-se perceber que a história deixou marcas profundas na tribo Xavante e tem exigido grande esforço por parte da mesma no sentido de dignamente enfrentar o processo de integração com a sociedade nacional. Esforços esse, que de perto temos assistido e motivado, proporcionando condições para que o índio, se integre progressiva e harmoniosamente à comunidade nacional.

Enfatizamos ainda que as autoridades que representam este município vem desenvolvendo grande campanha junto ao povo de Barra do Garças, contra a nossa equipe de trabalho, pelas razões detalhadamente descritas acima.

Concluimos este documento, pedindo que V.Sa. analise, sinta e veja a gritante e desesperadora situação a que está exposta a coletividade indígena nesta região de Barra do Garças.

Faz-se necessário portanto, que medidas sejam tomadas pelo Órgão tutelar, pelas entidades extra-oficiais de defesa da ao índio, pela imprensa e por todos aqueles que de alguma forma poderão ajudar a garantir a ordem e condições de trabalho e segurança necessária para a continuidade de um trabalho nesta área de conflito eminente.

Fernando Schiavine de Castro

FERNANDO SCHIAVINE DE CASTRO - CH.PI PIMENTEL BARBOSA

Francisco de Campos Figueredo

FRANCISCO DE CAMPOS FIGUEREDO-CH.PI COUTO MAGALHÃES

Luis Carlos Mattos Rodrigues

ENGº AGRÔNOMO - LUIS CARLOS M.RODRIGUES

Natan Araujo

NATAN ARAUJO - AUX.TEC.AGRICOLA

David E. Cavalcante

DAVID E. CAVALCANTEE - AUX.TEC.AGRICOLA

Izaniel dos Santos Sodre

IZANOEL DOS SANTOS SODRE - CH.DO PI KULUENE

Sebastião Lima Soares

SEBASTIÃO LIMA SOARES- AUX.TEC.AGRICOLA

Helena Stilene de Biase Miranda

HELENA S.DE BIASE MIRANDA - PROF.DO PI PIM.BARBOSA

Dilce Claudino da Silva

DILCE CLAUDINO DA SILVA- ASSISTO.SOCIAL

Odenir Pinto de Oliveira

ODENIR PINTO DE OLIVEIRA - CHEFE DA AJUDÂNCIA AUT.B.GARÇAS

Claudio dos Santos Romero

CLAUDIO DOS SANTOS ROMERO - ASSISTENTE DO DIRETOR DO DGPC

Marta Maria Lopes

MARTA MARIA LUPES - PROFESSORA